

GUATÓS

Filhos legítimos do Pantanal



Severo, líder guató; reivindicando

GUATÓS

Com toda razão os guató se auto-proclamam os «filhos legítimos do Pantanal». Descendentes dos matsubebe — ancestrais mais próximos dos primeiros seres humanos que vindo do Caribe se espalharam na região chamada Alto Paraguai, povoando o interior do continente, séculos antes dos europeus —, os velhos guató acreditavam que o mundo começou na Ilha Insua, também chamada Bela Vista do Norte, ou Porto Índio, segundo a tradição, local da criação do homem.

Essa ilha fica na região das grandes baías, no Norte do Pantanal, no ponto extremo noroeste do Estado de Mato Grosso do Sul, pertence ao Exército Brasileiro por decreto de 1978, mas está quase toda arrendada para o pecuarista Milton Pessoa, cujas atividades são totalmente incompatíveis com o tipo de vida que os guató gostariam de ali levar.

As poucas famílias que insistem em continuar morando na ilha, trabalhando para o fazendeiro ou olhando pro rio, parecem resistir até a última gota para não entregarem definitivamente o terreno sagrado onde foram enterrados seus ancestrais — como provam algumas urnas ali encontradas e expostas ao público no Museu do Índio de Campo Grande.

Além dos guató da ilha, tem no mínimo mais uns quinhentos, espalhados pelas fazendas e periferias de Corumbá e Cáceres, tentando sobreviver no mundo dos brancos, sem emprego fixo nem apoio da Funai. Eles reivindicam o direito de posse da ilha, onde viverão de pesca, lavoura e venda de artesanato.

Embora a maioria dos guató de hoje já não fale mais a língua «doce e rápida» de seus avós, que tanto encantou os chamados pioneiros do mundo civilizado, eles se sentem com uma espécie de direito adquirido sobre o Pantanal, do qual reivindicam apenas uma ilha, como paga, no mínimo, dois inestimáveis serviços prestados por seus antepassados ao homem branco durante a conquista da região — registrados em relatórios militares, memórias e diários de viagens que desde o século passado contam a história da ocupação do Pantanal.

Os guató sempre foram pouco

numerosos e arredios, embora pacíficos e amigáveis. Impressionavam não só pela beleza física, a língua sem similar, o recato e o auto-respeito, como pela destreza no uso da flecha e a habilidade nos remos, vivendo a maior parte do tempo sobre as canoas, subindo e descendo às águas do Pantanal. Em perfeita harmonia com a natureza.

Até serem alcançados pela chachaça, o comércio e o boi.

Extintos oficialmente por decreto governamental no início dos anos 70, os guató reagiram, conseguindo provar que ainda existem como nação indígena e passaram a reivindicar a criação da Reserva Indígena Guató na Ilha Bela Vista do Norte, que faz divisa com o Parque Nacional do Pantanal (Reserva do Caracará), no Estado de Mato Grosso. E nessa luta, que já custou, em 1982, a vida de Celso Ribeiro, filho da líder Josefina, os guató têm contato com o apoio de antropólogos, assistentes sociais, religiosos, jornalistas e outros profissionais que, conhecendo de perto a sua história, sempre acabam abraçando à sua causa.

Hoje, auxiliados pelo Conselho Estadual dos Direitos do Índio e outras entidades voltadas para a causa indígena, os guató vêm expor o seu drama aos participantes do INTERPAN, acreditando que um evento como este, que pretende discutir o futuro do Pantanal, não pode passar batido, ignorando a história dos que sempre habitaram essa região.

A decisão sobre o retorno à ilha depende de um parecer que encalçou há vários anos no trajeto entre a Funai e o Ministério do Exército. Alegam-se dificuldades em garantir a sobrevivência dos guató na ilha. Desculpa que eles não aceitam, pois pedem pouco mais que boas condições de transporte e comunicação com a ilha, garantindo que vão tirar da terra e da água seu próprio sustento.

E certamente guató poderá até, se quiser, ganhar algum dinheiro, se souber valorizar a cultura de seus antepassados. Afinal, qual é o civilizado que não pagaria alguma coisa pelo privilégio de comer uma sopa de banana com pintado ou um rabo de jacaré à moda guató, num pequeno restaurante flutuante por algum rio do pantanal? E ainda levar de lembrança para os amigos pequenas maravilhas do artesanato guató, feitos de palha de acuri e aguapé?

Qual pesquisador, fotógrafo ou turista não gostaria de varar por alguns dias os corixos mais recônditos do Pantanal, guiado por um guató, herdeiro dos mais antigos conhecimentos da região? E uma guia devidamente preparado, com credencial 3 x 4, curso da formação em defesa florestal, salário bom, registrado em carteira, e muito amor pelo pantanal?

Quem poderia melhor defender o Pantanal de que seus filhos mais legítimos, os guató? (Mário Raposo) E D

Acervo
ISA
INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Data /
Cod. 00000000

Edição Especial do Boletim Informativo Ecossistema
19 Interpan - 12 a 16 junho/89
Campo Grande - MS

pg. 12